

INSTITUTO Documentário  
 AMBIENTAL  
 11/10/98 4025D



ESTA VISTA DA CHAPADA mostra os campos gerais, onde prevalece a vegetação de savana, entre os chapadões: um mosaico de ecossistemas frágeis

Os sucessivos verões secos de El Niño e os três meses de incêndios deste ano castigaram a Chapada Diamantina, na Bahia, o mais diversificado santuário ecológico brasileiro. Metade do parque de 152 mil hectares foi queimada por centenas de focos ateados gratuitamente pela população local e por turistas.

Dezenas de animais e plantas raras podem ter desaparecido do local, como já aconteceu com espécies maiores como a anta, o tamanduá-bandeira e o tatu-canastra que sumiram da região ainda neste século, por causa da ação predadora do homem. Se não forem tomadas providências, poderão desaparecer centenas de plantas raras, passarinhos e lagartos, alguns nem sequer catalogados pela ciência, que ficaram isolados durante milhões de anos no alto dos chapadões do Brasil Central, um dos terrenos mais antigos do País e do planeta, cujas rochas chegam a datar 1,7 bilhões de anos.

Quem faz o alerta é o ambientalista Roy Funch, norte-americano naturalizado brasileiro, que há 20 anos vive na pequena cidade de Lençóis, onde criou os quatro filhos. "As queimadas são a maior ameaça à Chapada Diamantina e vêm sendo praticadas há um século e meio, desde que a região foi colonizada por garimpeiros.

O índice de chuvas da chapada está diminuindo a cada ano e a quantidade de matéria seca aumenta, o que torna os efeitos das queimadas mais devastadores. Enfrentamos uma grande seca desde 1980, com índices de chuva decrescentes. Chegamos a ter 350 milímetros em 93, quando a média da região era de 1,3 mil milímetros. Em alguns anos, poderá faltar água em Salvador. Na chapada nascem 90% dos rios da Bahia."

Funch ressalta que a Chapada Diamantina é constituída por dezenas de pequenos ecossistemas, alguns limitados a poucos metros quadrados.

"A chapada é formada por um mosaico de ecossistemas frágeis interligados, que contam a história da evolução da vida no continente. Daí a importância de preservá-la."

**Corredor de fauna e flora**

Formada pelos chapadões do Brasil central, que já existiam quando o Brasil fazia parte da África, a Chapada Diamantina funcionou como corredor de fauna e flora no continente. Anterior à Floresta Amazônica e à Mata Atlântica, a chapada reuniu uma série privilegiada de cartões postais das principais paisagens brasileiras, com trechos de campos de pedra, florestas, Cerrado, Campos Gerais, Caatinga e Sertão, tudo cercado por dezenas de canyons, leitos de rio, poços e cavernas.

No alto das serras e chapadões estão os campos rupestres de altitude, situados em terrenos tão resistentes que sobreviveram à deriva continental e propiciaram o clima adequado para o surgimento da vida terrestre. Nesses ambientes, plantas e animais dependem exclusivamente da chuva e do sereno que há milhões de anos se precipitam durante as matas de neblina. Lá vivem cactos, bromélias, orquídeas, canelas-de-ema, insetos, sapos, roedores, pássaros.

No sopé e nos encontros de serras e montanhas, a umidade permitiu a formação de outros refúgios ecológicos montanos, como pequenos trechos de Floresta Amazônica e de Mata Atlântica de interior. "Esses refúgios, como acontece com os manguezais do litoral, são locais que funcionam como berçários de vida, sendo até capazes de abrigá-la em caso de cataclismos, para depois repovoar o planeta", disse Funch. "O segredo é a presença de água, que aqui é drenada, do ar por causa da altitude."

Como na Chapada Diamantina houve um isolamento antigo de flora bastante especializada, seus diver-

# Chapada Diamantina: no sertão, um santuário da vida

Até o início do século, antas, tamanduás-bandeira e tatus-canastra viviam na Chapada Diamantina. Ainda hoje, nos 152 mil hectares de seu parque - metade dele recentemente queimado - há plantas e animais que só vivem lá

sos microecossistemas abrigam muitas dezenas de espécies endêmicas, isto é, que só existem lá e em nenhum outro lugar do planeta. É o caso de plantas dos campos rupestres e campos gerais como canelas-de-ema (com dezenas de espécies, muitas delas não catalogadas), orquídeas, sempre-vivas, bromélias, cactos (como o xique-xique e mandacaru) e centenas de arbustos ou pequenas árvores miniaturizadas na própria natureza, inclusive maracujá-arbustivo.

Nos campos e florestas, onde existem plantas específicas como o mucugê (árvore de cujo látex se extrai uma goma-de-mascar) e a batatinhada-serra também vivem animais como jacaré-de-papo amarelo, onça-pintada, onça-arda, capivara, macaco-barbado, macaco-guigó, veado-

campeiro, jibóia e dezenas de espécies de pássaros, alguns deles endêmicos daquele único local, como o beija-flor-marrom-de-cabeça-azul (*Colibri delphinae greenawalti*, um dos mais raros do mundo, só visto na região entre Lençóis e Andaraí).

Os diversos tipos de matas da Chapada Diamantina são os ecossistemas mais ameaçados do planeta e correm o risco de desaparecer totalmente em menos de uma década por causa das queimadas, adverte Funch. São antigos e isolados trechos de Mata Atlântica de interior e até de Floresta Amazônica onde existem árvores, orquídeas, bromélias e cactos, além de centenas de pássaros e dezenas de répteis e mamíferos.

**Vida frágil**

Mas o pior de tudo é que a vida da Chapada Diamantina pode desaparecer sem sequer ter sido estudada, pois não existem pesquisas completas sobre a área. Só num pequeno trecho do Morro do Pai Inácio foram identificadas 650 espécies vegetais, com alta porcentagem de espécies novas (cerca de 15%). "Os animais foram muito menos pesquisados. Aqui existem répteis e mamíferos crípticos (pequenos roedores e outros que se escondem nas rochas) possivelmente endêmicos e ainda não coletados", disse Funch.

"Os macacos-barbados e os macacos-guigós estão praticamente na rota da extinção por causa das queimadas nas matas nativas. E o pior é que o homem também sofre com isso porque o clima fica cada vez mais quente e seco. Precisamos parar com as queimadas para a natureza ter tempo de se refazer."

Para Funch, "a Chapada Diamantina é um cenário que poderia ter importância que as Ilhas Galápagos tiveram para Darwin, tal o seu potencial de espécies endêmicas". "O grande perigo são as queimadas e é preciso fazer campanhas com a população, pois o costume de atear fogo está muito arraigado." Lá, usa-se fogo para caçar, para deixar o pasto mais tenro por causa das brotações, mas na maior parte das vezes o fogo é ateadado gratuitamente, até como forma de protesto, pela população descontente com o fim do garimpo ou com os próprios movimentos ecológicos.

A alternância de paisagens é impressionante, pois a pouco mais de 20 quilômetros a leste de Lençóis, por exemplo, estende-se o pantanal dos Marimbus, que se parece muito com o Pantanal sul-matogrossense, com jacarés, pequenas vitória-régias (nenúfares) e muitas espécies aquáticas. Lá vive uma comunidade de negros pescadores. Andando outros 20 quilômetros para oeste de

Lençóis, chega-se à Cachoeira da Fumaça, a segunda mais alta do Brasil, com 340 metros de altura (a mais alta, com mais de 400 metros, fica no Pará). Da Fumaça se descortina o Vale do Capão, povoado por comunidades alternativas. Entre o Pantanal e a montanha situam-se, em forma de ilhas, as três principais paisagens da chapada: Campos Rupestres, no alto dos afloramentos rochosos, Campos Gerais, nos vales altos entre as montanhas, e Florestas, nos contrafortes das montanhas.

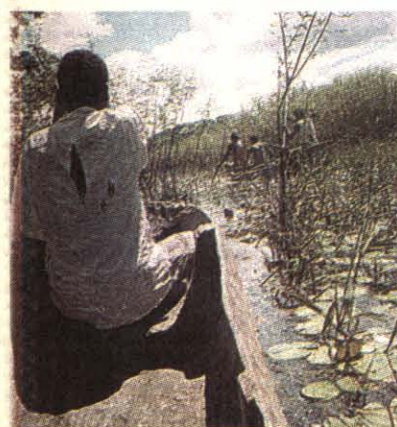
Marcos Gomes



Lençóis, cidade cercada de verde



Poço do Diabo: ponto turístico



Pescador no alagado dos Marimbus



Nenúfar aquático (como no Pantanal)



Flor de maracujá nativo



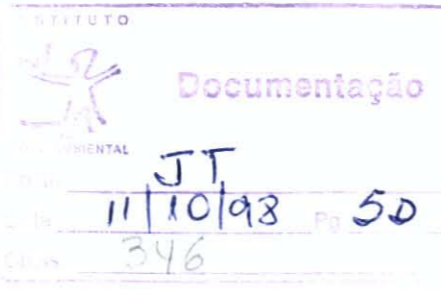
Orquídea Cattleya elongata



Flor da batata-de-teiú



Cacto xique-xique: comum na região



# Do alto do Morro do Pai Inácio, uma visão do paraíso

Turistas de todo o país começam a descobrir as belezas da região. O empresário Washington Setenta — que comprou o Morro do Inácio e cobra ingressos — diz estar investindo para dar alguma infraestrutura ao lugar

Pouco depois das cinco horas da tarde, ele chega de carro no sopé do Morro do Pai Inácio para levar os funcionários que estiveram acompanhando turistas ou cobrando ingressos numa guarita improvisada ao lado da estrada. A julgar pelos inimigos que tem, o empresário evangélico Washington Setenta parece um personagem visionário saído de um filme de Werner Herzog.

Ele virou uma figura polêmica em 96, desde que comprou o Morro do Pai Inácio e passou a cobrar ingresso dos turistas que sobem para um dos visuais mais bonitos do Brasil: a vista dos chapadões do Planalto Central cercada por jardins de pedra cheios de plantas e animais raros (os campos rupestres dos botânicos) cujos terrenos têm mais de 2,7 bilhões de anos.

## Poço, Gruta...

Ele comprou também dois outros pontos turísticos da Chapada Diamantina, o acesso ao Poço do Diabo (uma das principais atrações da região) e a Gruta da Torrinha, onde também pretende cobrar ingresso e regulamentar o acesso dos turistas.

Tentou comprar sem sucesso até agora — outro marco da Chapada: a Cachoeira da Fumaça, no Vale do Capão. Está construindo uma rodoviária em Tanquinho, região que começa a se valorizar por causa da inauguração do Aeroporto Internacional de Lençóis.

Vindo de Itabuna, no sul da Bahia, "neto, filho e sobrinho de fazendeiros de café e pecuaristas", Washington Setenta foi acusado de estar fazendo uma espécie de franchising da Igreja Universal, da qual pretendia erigir um templo no alto do Morro do Pai Inácio. Foi acusado de estar depredando a vegetação do morro, ao estabelecer uma trilha única de subida.

Criticaram-no também por tentar mudar o nome do morro para Morro da Oração. Esse novo nome, escrito num muro de tijolos, foi demolido por manifestantes.

## Compra e venda

"Washington Setenta comprou de mim a faixa de entrada do Morro do Pai Inácio, porque o morro mesmo tem mais donos: são três fazendas que fazem fronteira lá para aquelas bandas", explica Antônio Evangelista, o Tonho do Pai Inácio. "Eu comprei essa faixa da nascente do Morro do Pai Inácio em 1972, da larga do Diolino (inventário) e vendi para o Washington Setenta em 96.

Só tive prejuízo com essas terras, que vem gente do mundo todo visitar. Sempre deixei entrar, deixei instalar torre da Telebahia. E foi por razões financeiras que eu vendi, por R\$ 15 mil.

"Não sou membro da Igreja Universal, como falam por aí; sou da Igreja Batista Missionária e sou também membro da Associação dos Homens de Negócio Evangélicos", disse à reportagem do JT.

Ele se mudou de Itabuna para o distrito de Tanquinho, espécie de bairro rural da cidade de Lençóis, perto do aeroporto recém-inaugurado. "Em 94, eu vendi para a Igreja Universal a Rádio Emissora FM de Itabuna. Antes, tinha vendido o Cine Itabuna para outro empresário, que depois o revendeu para a Igreja Universal."

"Estou pagando o preço pelo meu pioneirismo, pois tenho sido

às vezes incompreendido", disse Setenta, referindo-se aos protestos contra ele. "Sou criticado por algumas agências de turismo que levavam visitantes até o morro, mas não cuidavam dele".

Em qualquer lugar do mundo as pessoas pagam ingressos em parques, jardins botânicos e zoológicos. Pois eu resolvi investir na Chapada Diamantina e numa atividade econômica auto-sustentável: o turismo.

O empresário explicou que foi acusado de abrir uma trilha para ordenar a subida ao morro e chegou a ser multado por isso, mas a punição acabou cancelada na Justiça. "A obrigação de abrir uma trilha quem estabeleceu foi o próprio governo do Estado. Para poder operar nessa área, foi considerado obrigatório fazer uma trilha. Depois a coisa ficou esclarecida e o diretor do CRA que fez a bobagem de me multar foi detido e a multa foi cancelada."

## Mais ingressos

Setenta diz que também vai cobrar ingresso no Poço do Diabo, que pretende rebatizar para Poço das Estrelas. "É uma região com muitos acidentes por falta de fiscalização. O consumo de bebidas alcoólicas vendidos em boteco na beira da estrada e as quedas com garrafas de pinga têm provocado ferimentos graves e afogamentos. A presença de guias e salva-vidas vai ser fundamental."

"O Morro do Pai Inácio é uma reserva particular do patrimônio natural, como deviam ser todos os outros santuários ecológicos porque o governo não tem dinheiro para manter esses parques", disse Setenta. "Em qualquer país do mundo os parques estão sendo privatizados, veja no sul da Argentina, por exemplo".

O que eu estou fazendo é um trabalho de ordenamento ecoturístico para garantir a preservação por meio de uma economia auto-sustentável. Por isso cobro ingresso para subir no morro. Isso dá emprego e gera renda para a população. Cuidando só desta área de 145 hectares nós temos dez pessoas. Para cuidar do Parque todo, que tem 2 mil hectares, o Ibama possui só três funcionários."

O fato é que, desde que o morro passou a ser vigiado por pessoal fixo, a depredação dos jardins de pedra que existem no seu topo diminuiu. Orquídeas raras, como a *Cattleya elongata*, e canelas-de-ema endêmicas, que só existem naquela região, têm sido mais protegidas pela presença de vigias. Pessoas flagradas coletando orquídeas chegaram a ser autuadas, pois os vigias chamaram a polícia.

## Trilha

"A trilha que o governo mandou abrir e depois mandou demolir é a melhor forma de subir no Morro do Pai Inácio sem pisar nas plantas. O que está havendo é uma tralha por causa da grande quantidade de leis inúteis. Tanto que hoje em dia todo mundo segue por essa trilha", disse o guia turístico Luiz Krug, paulista, que mora há quase 20 anos em Lençóis.

No começo, o ticket do comprovante do pagamento do ingresso de R\$ 3 trazia a inscrição "Jesus Cristo é o Senhor", o que levou muita gente a crer numa ligação entre Washington Setenta e a Igreja Universal. "Essa frase não é ex-



**RARIDADE:** este é um dos dois tipos de beija-flor que só existe na Chapada Diamantina

clusiva de uma religião específica", disse Ricardo Setenta, filho de Washington, que trabalha com o pai no empreendimento.

Desconfianças à parte, Washington Setenta pode ser um exemplo das dificuldades enfren-



**INGRESSOS:** manifestação contrária

tadas pelos novos conceitos de economia sustentável numa região ainda presa a velhos mitos. "A solução não é fechar os parques ecológicos, como pensam alguns ecologistas xiitas, mas disciplinar o turismo nesses locais e garantir a preservação.

"O que eu fiz, de acordo com as diretrizes do governo do Estado, foi um plano de manejo para estas terras. O turismo aqui era predatório. O pessoal subia o morro como queria e da maneira que queria. Agora temos normas.

"O problema é que existem diferentes leis falando uma mesma coisa. E esse próprio labirinto de leis faz com que elas sejam burladas, como acontece com as queimadas. O certo seria estabelecer planos de manejo específicos para cada área que visem à preservação do meio ambiente", conclui o empresário do turismo.



**TURISTAS** em uma trilha da Chapada. Ao fundo o Morro do Camelo

## Fauna e flora da Chapada Diamantina

### MATAS, CAMPOS GERAIS, CAMPOS RUPESTRES E MARIMBUS



### Fauna

**Aves** - até agora foram identificadas 340 espécies diferentes de aves na Chapada Diamantina, incluindo endêmicas e migrantes. Dentre as endêmicas destacam-se o beija-flor-de-gravata-vermelha (*Augastes lumacellus*) e o beija-flor-marrom-de-cabeça-azul (*Colibri delphinae greenawaltii*). Dentre as espécies migradoras, é possível ver na Chapada aves como a águia chilena (*Geranoastot melanoleucus*) e andorinhas (*Atticora melanoleuca*). **Outras aves:** arrepinhado, beija-flor-de-cabeça-vermelha (de plumagem cinza e canto muito afinado), canário-da-terra, carão (também chamado martim-pescador, ave de plumagem azul com coleira e bico branco, que defeca ao sobrevoar o rio para atrair os peixes que se alimentam de seus excrementos e fígá-los com seu longo bico), carcará (espécie de gavião do sertão), chorão, coleira, coqui, curió, estêvão (que é chamado pipirrito no Sul e tem plumagem cinza-esverdeada), galo-de-campina, garça, gavião, guacho (de plumagem preta e vermelha que

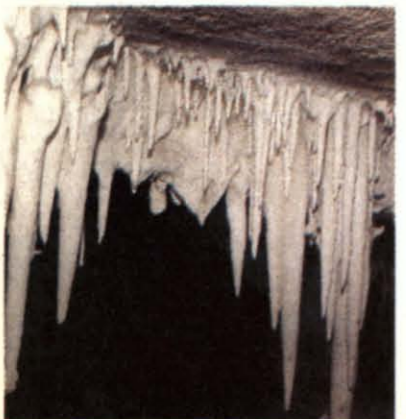
se alimenta dos cocos das palmeiras), lavadeira (de plumagem preta e branca), nambu, patativa, pica-pau (faz ninhos dentro dos troncos das árvores e come cupins), pintassilgo, sangue-de-boi (ave de cor pardo-cinza, do tamanho do azulão), xororó (de plumagem cinza). **Marsupiais:** saringuê (*Didephis albiventris*), cuicás (*Chironectes* sp.). **Primates:** barbado ou gariba (*Alouatta* sp.), macaco-prego (*Cebus apella*), mico ou sagui (*Callithrix penicillata*), guigê (*Calliotes personatus*). **Desdentados:** mechila ou tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*). **Quatro espécies de tatus:** *Euphractus sexcinctus*, popularmente chamado de tatu-peba. *Cabassois unicinctus*, conhecido como tatu-rabo-de-couro, *Dasylops novencinctus* ou tatu-galinha e tatu ou tatu-preto. **Carnívoros:** cachorro-do-mato (*Ducicyon vetulus*), meia-noite (*Procyon cancrivorus*), quati (*Nasua nasua*), papa-mel ou meleiro (*Eira barbara*), gato-do-mato (*Felis wiedii*), jaguatirica (*Felis pardalis*), raposa (*Dusicyon* sp.), onça-pintada

e onça-preta (*Panthera onca*), onça-parda ou suçuarana (*Felis concolor*). **Ungulados:** calititu ou porco-do-mato (*Tayassi pecari*), queixada (*Tayassa tajacu*), veado-mateiro (*Mazama americana*), veado-campeiro (*Ozolocerus heortlicus*), veado-catingueiro (*Mazana gouvazzoloira*). **Roedores:** capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), ouriço-caixeiro ou luiz-caixeiro (*Coendou prehensilis*), cutia (*Dasyprocta* sp.), paca (*Aguti paca*), mocó (*Keroodon rupestris*), rabudo. **Morcegos:** vampiro (*Desmodus rotundus*) e dezenas de espécies frugívoras.

**Répteis:** jacaré (*Caiman latirostis*), teiú (*Tupinambis teguixim*) e cobras como jibóia (*Boa constrictor*), sucuri (*Eunectes murinus*), jararaca (*Bothrops* sp.), cascavel (*Crotalus terrificus*), coral, cabeça-de-espada, cobra-d'água, cobra-de-espada, jaracucu-utinga, saramanta. **Peixes:** acari (tipo de cascudo), apanhari, camarão-de-água-doce, crumata (também chamado bate-papo), cumbá, jundiá, piá, piaba, piranha, tucunaré (o mesmo da Amazônia, indicando uma talvez milenar transição entre Mata Atlântica e Amazônia). **Batráquios:** gúia (um tipo de rã)

### Flora

**Canelas-de-ema** (*Vellozia*); batata-da-serra (espécie de hipométiá recentemente classificada que produz fécula comestível); batata-de-teiú, bucinha (leguminosa rasteira com flor vermelha em forma de elipse); cactus como o cabeça-de-frade, o xique-xique e o mandacaru; maracujá; plantas medicinais como a canelinha (que corta diarreias), o mulungu (de ação anti-inflamatória); orquídeas como *Cattleya elongata*, *Laelia sincorana*, *Cyrtopodium* e sobrália; árvores, como cedro-d'água (*Vochysia pyramidalis*), ipê, pau-d'arco, maçaranduba, quina, pau-d'óleo, succupira; palmeiras como buriti (*Mauritia flexuosa*) e o dendezeiro; cebolinha (espécie aquática que dá cachos de flores brancas); dandá (usada para tratar disenteria de crianças); garapiá (com folhas triplices, em forma de triângulo, e usado contra febre); oreilha-de-onça (um tipo de agupapé também chamado gólfão), junco (as raízes são usadas para tratar doenças do pulmão), taboa (também chamada peri ou marimbu, parente do papiro egípcio)



**ESTALACTITES** na Gruta da Torrinha



**PINTURAS** rupestres em Estiva